

A
GLÓRIA
da Sua
RESSURREIÇÃO

Segundo Volume da TRILOGIA DO TRIUNFO



Neil M. Fraser

Autor de A GRANDEZA DO GÓLGOTA

A
GLÓRIA
da
SUA
RESSURREIÇÃO

Neil M. Fraser

A Verdade
Porto Alegre
2012

Traduzido do original em inglês: *The Glory of His Rising*
Publicado originalmente pela Gospel Folio Press, Port Colborne,
Canadá

Primeira edição brasileira 2012

Traduzido por Janice Gebara

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revista e Corrigida.
Tradução de João Ferreira de Almeida - 4ª Edição Revista e Corrigida ®

Copyright © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil

Todos os direitos reservados.

Texto utilizado com autorização.

www.sbb.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F842g Fraser, Neil McCormick
A glória da sua ressurreição / Neil McCormick Fraser;
traduzido por Janice Gebara. – Porto Alegre : Verdade, 2012.
96 p. : 14cm x 22cm

ISBN 978-85-640-0607-2

1. Cristianismo. 2. Velho testamento. 3. Ressurreição.
I. Gebara, Janice. II. Título.

CDU 27

Bibliotecária responsável: Lueci da Silva Silveira CRB/10-2023

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos
reservados para os países de língua portuguesa por:
A Verdade, Porto Alegre, RS, Brasil


Editora Verdade
www.editoraverdade.com.br

Sumário

Prefácio do Editor....5

Introdução....7

Vislumbres da Sua Glória

1. O Testemunho dos Profetas....13

2. Pesado, mas não Achado em Falta....25

O Testemunho de João

3. As Coisas Novas do Cristianismo....33

4. O Cristo Ressurreto: A Cura....43

5. Depois Disso....51

O Testemunho de Lucas

6. Aberturas Divinas....61

O Testemunho de Mateus e Marcos

7. O Sinal e os Sinais que Seguiram....73

8. A Vida Depois da Morte....83

Prefácio do autor



Não é possível escrever sobre a Grandeza do Gólgota sem sentir o desejo de escrever um livro também sobre a glória da ressurreição de nosso Senhor de entre os mortos. Após falar sobre Aquele que tem nos livrado das nossas ofensas, é preciso também falar Daquele que ressuscitou novamente para nossa justificação. Não é para examinar as raízes da nossa fé; mas, sim, para compartilhar com os outros os frutos da fé.

A ressurreição não é somente a prova de uma obra perfeitamente realizada na cruz; é a garantia de uma obra a ser realizada em todos os que creem nesta mensagem. *“Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.”* (Romanos 6:5)

NEIL M. FRASER

Eugene, Oregon

Introdução do autor



Nestas páginas não iremos tentar apresentar muitos fatos sobre o assunto da prova filosófica da ressurreição do Senhor Jesus. Para nós, não é algo inacreditável que Deus O ressuscitou dentre os mortos; ao contrário, seria inacreditável se Ele não fosse ressuscitado dentre os mortos. A experiência comum entre os seres humanos da não ressurreição é o inverso no caso de Jesus Cristo.

Os registros dos evangelhos que nos dão a história da ressurreição são autênticos. Eles trazem as marcas da credibilidade. Se fossem invenções, eles precisariam ter sido escritos ou de forma independente ou em conspiração. As partes em que eles concordam são numerosas demais para apoiar a primeira ideia, e as aparentes discordâncias numerosas demais para apoiar a segunda. Os documentos têm sido examinados mais do que quaisquer outros documentos da Antiguidade por mentes eruditas cujo treinamento as capacita a aplicar métodos conhecidos por eles para descobrir a veracidade ou a falsidade das evidências. Todos têm declarado os evangelhos genuínos.

Como livros apologeticos são úteis para confirmar a fé, eles não conseguem, por via de regra, produzir a fé. A verdadeira fé não se baseia na sabedoria dos homens. Cremos que há uma simplicidade na história de Jesus Cristo que a torna convincente e conclusiva. Quando lemos a primeira parte da Sua vida, em que Seu caráter imaculado não é categoricamente mencionado, mas fica bem claro, sentimos que a Sua ressurreição dentre os mortos é natural e adequada. É a reivindicação final dos Seus direitos, a

sequência lógica à Sua morte.

Os escritores dos evangelhos nunca procuram elogiar Jesus ou destacar Suas virtudes. Eles não estão tentando criar uma atmosfera que conduza à fé. Eles parecem não se importar se acreditamos ou não (com exceção de João), pois eles corajosamente declaram fatos que aparentemente teria sido melhor se fossem omitidos, se eles estivessem escrevendo com o objetivo de convencer o leitor. Eles estão escrevendo sobre uma vida perfeitamente natural, entretanto evidente e naturalmente perfeita.

Quando lemos o relato da ressurreição de nosso Senhor dentre os mortos, sentimos que Sua veracidade provada em outros aspectos é mais uma vez demonstrada no cumprimento de Suas próprias predições de que Ele ressuscitaria. Da mesma forma que o nascimento virginal está no início dessa vida perfeita na terra como causa, assim também a ressurreição está no fim da vida como consequência natural da vida entregue à morte. Não era certo que o grão de trigo, morrendo, ficasse só (João 12:24).

Também não é nosso propósito tentar harmonizar os relatos da Sua ressurreição nos quatro evangelhos. Neles outros veem contradições humanas, mas nós vemos apenas a evidência de seleção e superintendência do Espírito divino. Cada escritor destaca apenas o que é relevante para o seu assunto, como veremos, e as omissões são tão importantes quanto o que é mencionado. Se Mateus, o judeu, não fala nada das principais aparições de Cristo em Jerusalém, e Lucas, o gentio, não fala nada das aparições na Galileia, para nós isso é muito significativo e exige atenção mais detalhada. Todos os quatro escritores – mencionam o testemunho das mulheres, apesar de divergirem no caráter individual ou coletivo do acontecimento – nos dão uma manifestação de desígnio e de propósito. Há uma diferença de desígnio entre os relatos dos evangelistas discípulos, Mateus e João, e os relatos de Marcos e Lucas.

Os que escrevem com relação à Sua ressurreição não estão apresentando cuidadosamente fatos frios e comparados, mas estão registrando experiências como foram lavradas nos corações e nas mentes dos homens e mulheres. Experiências subjetivas são destacadas entre os fatos objetivos das narrativas.

Vemos também que, da mesma forma que houve manifestações angelicais no nascimento do Senhor, podemos ter certeza de que o mundo angelical ficaria ainda mais emocionado com o “segundo

nascimento” do Salvador. Isso explica os relatos aparentemente contraditórios dos anjos na Sua ressurreição. Como John Peter Lange observou, a mensagem da Páscoa não é um solo nem é a simples e bela melodia de um coro, mas é ouvida em um estilo musical superior, é uma fuga* em que o conflito aparente de vozes individuais é observado e se mesclam em um todo harmonioso e equilibrado. Aceitamos os relatos como aparecem. (*Nota do tradutor: A fuga é um estilo musical em que o tema é repetido por diversas vozes entrelaçadamente. Começa com um tema, declarado por uma das vozes isoladamente. Uma segunda voz entra, então, “cantando” o mesmo tema, mas em outra tonalidade, enquanto a primeira voz continua desenvolvendo com um acompanhamento contrapontístico. As vozes restantes entram, uma a uma, cada uma iniciando com o mesmo tema).

A conduta dos discípulos do Senhor após a Sua ressurreição impede qualquer ideia de fraude ou de alucinação. As testemunhas são muitas, e o preço pago pelo seu testemunho foi muito alto. O fato de mais de quinhentas pessoas verem o Senhor em uma só ocasião impede qualquer ideia de alucinação. Eles tinham as evidências de seus sentidos. Mentirosos, sob a pressão e a dor da perseguição, logo teriam confessado a fraude. Esses discípulos morreram pela sua fé. Depois do choque da surpresa e do medo inicial – pois eles não anteciparam a Sua morte, muito menos que Ele ressuscitaria – eles nunca duvidaram das evidências. Somente um Cristo triunfante poderia ter os tornado tão triunfantes.

Um líder que não havia verdadeiramente morrido, mas que tivesse sobrevivido à crucificação, nunca poderia ter inspirado Seus seguidores a crer que Ele era o vencedor sobre a morte e depois os enviar a encarar um mundo hostil. Sua aparência enfraquecida poderia ter despertado a pena deles e revelado que sua reivindicação era falsa. Entretanto, eles foram inspirados por Ele, capacitados a pregar uma mensagem que provocou a revolta de ambos judeus e gentios. A história da ressurreição não foi uma “conspiração benevolente” criada por homens que pensavam que os fins justificavam os meios.

É digno de nota que os judeus não tentaram esmagar o movimento do Cristianismo tentando provar que havia fraude, mas, sim, por ameaças e por perseguição. O fracasso deles de encontrar o corpo de Jesus, e assim pôr fim à pregação dos discípulos, tem tanto peso para provar a Sua ressurreição como

teria o fato de esses discípulos sofrerem e morrerem para propagar a fé na ressurreição de um líder cujo corpo em decomposição estava sendo guardado por eles. O martírio desses discípulos é uma evidência do preço bem elevado da sua fé.

Como eles tinham muitas evidências da realidade de Sua morte, comprovada pelo Seu sepultamento, assim também eles tinham provas da Sua identidade na ressurreição. Era o mesmo Jesus, entretanto, sem as limitações impostas pelo Seu tabernáculo de carne antes da Sua morte. Como os corpos dos Seus que vivem por Ele, que, semeados em corpos naturais, são ressuscitados corpos espirituais, nosso Senhor na ressurreição tem um corpo com novos poderes, capacitando-O a deixar os lençóis do túmulo como se não tivessem sido tocados, e depois entrar no cenáculo, mesmo com todas as portas fechadas.

Em vez disso, nosso propósito é gloriar no fato da Sua ressurreição e tentar compreender a importância disso o máximo possível. Paulo vê isso como prova da Sua divindade em Romanos 1:4; uma passagem que evidentemente inclui a ressurreição de outros, em que a palavra “mortos” é plural. Paulo também vê nos poderes adquiridos uma garantia da nossa ressurreição (1 Coríntios 15). Pedro vê na ressurreição uma promessa de uma herança celestial reservada para nós, e nós sendo reservados para ela. Somos gerados de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1 Pedro 1:3-5). João está ansioso, não somente no seu evangelho, mas também no livro de Apocalipse, que nós possamos distinguir entre a ressurreição da vida e a ressurreição do juízo, que são consequências da Sua ressurreição.

Vemos antecipações de Sua ressurreição no Velho Testamento, não simplesmente nas profecias que foram reveladas antes Dele, mas também nos tipos e figuras. Iremos notar alguns destes e depois iremos analisar os relatos dos Evangelhos. Tais relatos são grandemente significativos e, ao mesmo tempo, belos e simples.

Os autores, como já temos dito, parecem não se importar com as dificuldades que eles criam nas aparentes divergências das suas narrativas. Eles parecem não perceber as provas que eles estão dando de total ausência de conspiração. Cremos que cada escritor dos Evangelhos tem a mente de Deus, e o que ele inclui é de acordo com o propósito do livro como um todo.

Podemos imaginar, ao ler o relato de Marcos, que os

acontecimentos da ressurreição ocuparam somente um dia e culminaram na ascensão do Senhor. Seu uso frequente da palavra “depois” não indica a ausência de dias. Lucas também resume os acontecimentos, de sorte que seria concebível ocorrerem em um ou dois dias. Mateus sugere um tempo mais longo devido ao encontro marcado pelo Senhor com os discípulos na Galileia e encerra com o Senhor na terra. Somente João relata os acontecimentos com uma semana de intervalo no mesmo cenáculo e “depois dessas coisas” dá detalhes da aparição na Galileia. Somente no segundo livro de Lucas, lemos que as aparições aconteceram em um intervalo de 40 dias (Atos 1:3).

O evangelho de João, escrito por último e evidentemente escrito para a Igreja, nos fornece mais detalhes para nossos corações e para esta época que vivemos. Ele nos mostra que esse acontecimento é a cura para inimizade, medo e falta de fé em capítulo 20 e a cura para a falta de fruto, como vemos em capítulo 21. Essas fraquezas humanas estão conosco hoje, quando elas deveriam estar no túmulo junto com a mortalha. Lázaro saiu do túmulo com sua mortalha. Ele iria precisar dela outra vez. Nosso Senhor deixou a mortalha para trás. Nós, também, tendo sido ressuscitados com Ele, deveríamos deixar a mortalha para trás.

Que Ele nos ajude a compreender as glórias da Sua ressurreição.

Vislumbres da Sua Glória



UM

O Testemunho dos Profetas

“O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho do corço; eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, reluzindo pelas grades.”

CANTARES DE SALOMÃO 2:9

“Depois de ter padecido, se apresentou vivo.”

ATOS 1:3

*N*o Velho Testamento, a história da Sua ressurreição é subentendida, da mesma forma que é evidente no Novo Testamento. Cristo não apenas morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras, mas ressuscitou novamente de acordo com essas mesmas escrituras sagradas (1 Coríntios 15:3).

Tais referências são para o Velho Testamento, e não para o Novo Testamento, que praticamente nem existia naquele tempo, quando o Paulo escreveu. Tais Escrituras são a principal testemunha nas sete testemunhas que o apóstolo apresenta no seu grande tratado sobre a ressurreição. A ressurreição de nosso Senhor foi um dos temas preditos e aguardados do Velho Testamento.

Esses vislumbres da glória da Sua ressurreição não são vistos apenas na profecia direta e nos tipos e nas figuras, mas nosso Senhor se revela pelas inúmeras biografias de homens que viveram antes Dele. A pregação apostólica como existe no livro dos Atos

Capítulo 1

chama atenção ao cumprimento da profecia e ao propósito da ressurreição do Senhor.

Pedro diz que a ressurreição foi o cumprimento dos Salmos 16 e 110, e as palavras deles não se referiam a Davi, pois ele viu a corrupção e não foi exaltado nos céus (Atos 2:25,36). É-nos mostrada a “vereda da vida” na ressurreição de Cristo. O ferro não podia prendê-Lo ao madeiro, nem as cordas da morte podiam detê-Lo. A citação do Salmo 110 mostra que a ressurreição é subentendida no sacerdócio eterno Daquele que é Senhor de Davi (veja Mateus 22:42). Pedro cita o Salmo 118:22 no seu discurso no Sinédrio para provar que a pedra rejeitada se transformaria na pedra da esquina (Atos 4:11).

Paulo, pregando na sinagoga de Antioquia da Pisídia, cita o Salmo 2 e mostra que as palavras “*Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*” não se referem ao Seu nascimento, mas, sim, à Sua ressurreição. Neste Salmo, o Filho é o Rei de Deus. Em Salmo 16, Davi é um profeta, mas é claro que ele está escrevendo acerca de um profeta ainda maior, como Moisés, que seria levantado por Deus. Em Salmo 110, nosso Senhor é um Sacerdote – um Sacerdote para sempre. Israel podia crucificá-Lo, mas Deus O colocará sobre o monte santo de Sião. Paulo também cita Isaías 55. A grande bênção do evangelho descrita para todos por Isaías, nas palavras mais fáceis e simples de entender e abrangendo também a bênção milenar, são as misericórdias de Davi confirmadas pela ressurreição de Cristo.

A essas profecias citadas por Pedro e Paulo podemos acrescentar outras, como a segunda metade do Salmo 22 e Isaías 53 onde há a morte e a ressurreição. No Salmo da cruz, trocamos o “clamor” do Desamparado por Seu canto no meio da congregação. Num círculo cada vez mais abrangente, podemos vê-Lo no centro de uma hoste de adoradores, a igreja (v 22), a semente de Jacó (v 23), e todos os confins da terra (v 27). Em Isaías 53, Aquele que foi cortado da terra dos viventes prolongará os Seus dias, e o bom prazer do Senhor prosperará na Sua mão (v 10).

Igualmente significativos são os tipos ou figuras como, por exemplo, o molho das primícias que, sendo movido no primeiro dia da semana, se torna uma figura de Cristo como as primícias, vivo dentre os mortos, e a garantia da colheita que está por vir (1 Coríntios 15:20,23). A arca da aliança entrando no rio Jordão e permanecendo ali, até que a segurança de todo o povo fosse assegurada, e depois saindo do rio, é uma figura da verdadeira

arca de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor, através de quem as coisas velhas do deserto passam, e as coisas novas da herança celestial serão realizadas (Josué 3-4; Efésios 2).

Os sacrifícios oferecidos em Israel às vezes envolviam duas vítimas, como no grande Dia da Expição (Levítico 16) e na purificação do leproso (Levítico 14), quando uma vítima era morta e a outra mandada embora ou solta. Ambas eram necessárias para ilustrar em figura a morte e a ressurreição do Único que poderia purificar pessoas contaminadas pela lepra do pecado e tirar o pecado de uma nação.

Entretanto, é para algumas das figuras biográficas que nós voltamos para ter vislumbres que prefiguram Sua ressurreição como, por exemplo, Isaque, Jonas, José e Daniel.

Isaque: *“Eu e o moço iremos até ali; e, havendo adorado, tornaremos a vós”* (Gênesis 22:5). Assim, Abraão declarou sua fé na ressurreição. Ele sabia que Deus havia ordenado que ele oferecesse seu filho sobre um dos montes, mas ele creu que *“Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar. E daí também, em figura, ele o recobrou”* (Hebreus 11:18-19).

Note as referências ao *“lugar”* em Gênesis 22. Tais referências apontam para *“o lugar chamado a Caveira”* (Lucas 23:33). Este filho de Abraão miraculosamente nascido, cujo nascimento foi anunciado por um anjo, que recebeu o seu nome antes de nascer e foi oferecido sobre o monte Moriá, nos dá um vislumbre do nascimento, morte e ressurreição de nosso Senhor. Isaque, mais tarde, saindo da casa do seu pai, encontra sua noiva ao ar livre e a conduz para casa. Rebeca foi o fruto da vontade do pai, da obra do servo e da espera do filho. Ela mostrou a sua disposição de responder à mensagem e aos presentes dados pelo servo. Ela é uma figura da noiva de Cristo, o fruto do planejamento e da ação do Deus triuno.

Jonas: Jonas também nos apresenta uma antecipação da ressurreição do nosso Senhor dentre os mortos. Esse profeta de Gate-Hefer, na Galileia, faz mentirosos todos os que diziam *“... da Galileia nenhum profeta surgiu”* (João 7:52; 2 Reis 14:25). Sua desobediência não era, aparentemente, por sua falta de disposição de pregar aos gentios, mas, sim, o medo de perder o seu crédito como profeta caso eles cressem na mensagem e se convertessem ao Senhor, suplicando a inevitável misericórdia divina pela qual Jeová era bem conhecido. Entretanto, os seus três dias e três noites

Capítulo 1

no ventre do grande peixe, de onde ele saiu para pregar a sua mensagem, são considerados pelo nosso Senhor como figura de Seu sepultamento e da Sua ressurreição.

Enquanto a ressurreição não é mencionada em Mateus 12, o “*sinai... do profeta Jonas*” (v 39) é que aquele que estava nas profundezas do mar saiu de lá. Os sofrimentos de Jonas dentro do grande peixe são descritos em linguagem idêntica aos clamores proféticos do Messias em Salmo 42:7 e Salmo 69:1. Se Jonas, de fato, morreu e foi ressuscitado, e assim se tornou mais amplamente uma figura de Cristo, é discutível, dependendo de como se entende a referência dele ao inferno (seol, túmulo) (Jonas 2:2).

Vamos, entretanto, examinar mais detalhadamente os incidentes na vida de dois personagens que, mais do que todos os outros, parecem prefigurar a vida de nosso Senhor. Referimo-nos a José e a Daniel. Esses homens aparecem no início e perto do final do cânon do Velho Testamento e representam pureza entre as atmosferas poluídas do Egito e da Babilônia. Ambos descobrem que os que vivem piedosamente irão sofrer perseguição. Ambos passaram por conspirações e sofreram castigo, mas ambos foram elevados à preeminência sobre tudo e depois desfrutaram de prosperidade. Ambos interpretavam sonhos e eram profetas das coisas boas que estavam por vir.

O TESTEMUNHO DOS CARROS

“E subiram do Egito e vieram à terra de Canaã, a Jacó, seu pai. Então, lhe anunciaram, dizendo: José ainda vive e ele também é regente em toda a terra do Egito. E o seu coração desmaiou, porque não os acreditava. Porém, havendo-lhe eles contado todas as palavras de José que ele lhes falara, e vendo ele os carros que José enviara para levá-lo, reviveu o espírito de Jacó, seu pai. E disse Israel: Basta; ainda vive meu filho José; eu irei e o verei antes que eu morra.” (Gênesis 45:25-28)

Não conhecemos nenhuma outra escritura do Velho Testamento melhor do que essa para usar em uma pregação sobre a ressurreição. Essa passagem combina o medo e o gozo, a incerteza e a segurança que encontramos no relato da ressurreição do Senhor Jesus. O dito que a história do Velho Testamento é a Sua história, em nenhum outro lugar é mais verdadeiro do que na história de José. Ele é o Sírio (a estrela mais brilhante no céu noturno) entre todos os homens que prefiguram o nosso Senhor.

Vemo-lo apresentado a nós em Gênesis 37 como o filho amado

que deixou Hebrom (comunhão) para ir até os seus irmãos. Ele veio para os que eram seus, e os seus não o receberam. Eles o odiaram, especialmente por causa dos seus sonhos, que eram proféticos e sugeriam que as coisas no céu e na terra seriam entregues em suas mãos. Eles o venderam, aceitando a sugestão de Judá, em troca de algumas moedas de prata. Acusado injustamente, ele foi lançado na prisão, *“Cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros”* (Salmo 105:18).

Para os dois homens na prisão com ele, um copeiro e um padeiro, José se tornou um aroma de vida para um e de morte para o outro. O copeiro, no seu sonho, trouxe o vinho ao rei e foi aceito. O padeiro trouxe do seu serviço – *“obra de padeiro”*, diz a Bíblia – e foi rejeitado. Sua oferta nunca chegou até o rei. José, então, foi exaltado, recebeu um novo nome, diante dele todo o Egito dobra o joelho e o reconhece senhor de todos.

Tudo isso é uma figura Daquele que viria, Jesus Cristo, nosso Senhor. Deixando a perfeita comunhão que tinha na casa do Pai, Ele veio para os Seus. Eles O odiaram sem causa e particularmente devido às Suas reivindicações. *“Todas as coisas me foram entregues por meu Pai.”* (Mateus 11:27) *“É-me dado todo o poder no céu e na terra.”* (Mateus 28:18) A traição e a venda de Judas; a cruz onde machucaram os seus pés com ferros, onde dois homens compartilharam o Seu castigo; todos esses detalhes são vistos em José. Um ladrão aceitou alegremente o sangue da Videira Verdadeira em seu cálice e clamou: *“Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino”*. Ele se apossou da Vinha naquele dia em que o Senhor se tornou aroma de vida para aquele que creu e também aroma de morte para aquele que pereceu (ver 2 Coríntios 2:14-17).

“Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.” (Filipenses 2:9-11)

Em tudo isso, o nosso Amado é revelado, reluzindo pelas grades das biografias do Velho Testamento.

Em Gênesis 45, que já foi citado no começo, José se revelou a seus irmãos e pediu-lhes que levassem ao seu pai notícias da sua existência e da sua exaltação. Vamos destacar cinco pontos importantes sobre isso.

1. Uma história improvável: *“José ainda vive e ele é regente em toda a terra do Egito”*. Para Jacó já fazia anos que José estava morto. *“Certamente foi despedaçado José... com choro hei de descer ao meu filho até a sepultura”*, foram as palavras do pai enlutado, enquanto ele rasgava as suas vestes e se assentou em sacos, com a capa de José manchada de sangue em suas mãos. Ele não sabia nada da armação e mentira dos seus filhos, nem do castigo merecido que o havia alcançado. Ele havia enganado o seu pai com a pele de cabritos, e agora ele é enganado pelos seus filhos com o sangue de um cabrito.

Nem Jacó nem seus filhos esperavam ver José de novo. Entretanto aqui estavam eles, ansiosos, contando ao pai sobre a exaltação de seu irmão e da grandeza do Egito. E José havia convidado todos eles para virem até ele! Apesar de pastores serem uma abominação aos egípcios, José não ficou com vergonha de chamá-los de irmãos e de apresentá-los diante de Faraó. Tudo isso era uma história muito estranha, contada alegremente e com olhos brilhantes pelos filhos de Jacó.

Assim também é a história de Cristo do ponto de vista humano. Do ponto de vista divino, a história de Cristo tem sido o tema das profecias do Velho Testamento e também predita pelo nosso Senhor. Era uma história improvável para os homens, porque eles não haviam compreendido as profecias antigas e porque, na agitação dos acontecimentos que precederam a cruz, eles se esqueceram das palavras do Senhor. As palavras das mulheres que foram ao sepulcro, bem cedo no primeiro dia da semana, que o túmulo estava vazio e que elas tinham visto uma visão de anjos que diziam que o Senhor estava vivo, foram consideradas como histórias fantasiosas pelos ouvintes (Lucas 24:11).

2. Um coração incrédulo: *“E o seu coração desmaiou, porque não os acreditava”*. Note a palavra *“porque”*. Não há nada que enfraquece mais o coração do que a incredulidade. Mas como o velho poderia crer numa história dessas? Mais de vinte anos haviam se passado. E como explicar a capa manchada de sangue? Seus filhos a tinham encontrado no campo, assim eles disseram. O que eles estavam dizendo agora? Eles estavam confessando que haviam vendido José como escravo? Duvidamos disso. Jacó não foi convencido pelos seus filhos. Ele os conhecia – Rúben, inconstante como a água; Simeão e Levi, homens cruéis, obstinados e bravos. José

havia trazido uma má fama deles a seu pai. Jacó não acreditava neles.

Foi assim também na história da ressurreição. Escritores não inspirados, desejando fortalecer a fé, não teriam retratado os discípulos como incrédulos, mas – com as predições das Escrituras e do Salvador em mente – silenciosa e confiadamente aguardando a notícia de Sua ressurreição. Ao invés disso, os escritores dos evangelhos parecem escrever como militantes contra a fé na ressurreição, até mesmo afirmando que o Senhor não foi reconhecido por alguns deles. Nisso eles simplesmente manifestam que eles são homens verdadeiros, testemunhas confiáveis.

Maria Madalena tinha dito aos discípulos que choravam e lamentavam que ela tinha visto O Senhor vivo, mas eles não creram nela. Os discípulos de Emaús tinham voltado a Jerusalém com as alegres novas, mas eles também não foram acreditados (Marcos 16:13).

O Senhor os repreendeu por causa da sua incredulidade. *"Se eu não vir... de maneira nenhuma o creerei"* (João 20:25), disse Tomé, e permaneceu na sua incredulidade mais uma semana. Os discípulos *"espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito"* quando o Senhor apareceu no meio deles (Lucas 24:37).

Portanto, a teoria de que os seguidores de Jesus, homens e mulheres, aguardavam a ressurreição e estavam preparados para ver "qualquer coisa" cai por terra por falta de vestígios de provas nos relatos. Elas não eram "mulheres histéricas", como diz Renan, nem eles eram homens ingênuos. Corações incrédulos estavam por toda parte. Para nós que, séculos mais tarde, olhamos para os acontecimentos à luz das profecias e da história, parece difícil acreditar na incredulidade dos discípulos.

3. Prova indiscutível: *"Vendo ele os carros... reviveu o espírito de Jacó, seu pai"* (v 27). Além das palavras de José instando que eles não tardassem em retornar ao Egito, os filhos acrescentaram a obra de José em providenciar o meio de transporte. A prova da afirmação deles estava lá. Os carros eram a prova e a lógica da afirmação indiscutível. Esses filhos de Jacó guiam o trêmulo idoso para ver os carros adornados do Egito. Sem dúvida, esses veículos reais, com seus cavalos egípcios enfeitados, traziam os emblemas e a insígnia de Faraó. O Egito era famoso pelos seus cavalos de

Capítulo 1

grande beleza e adestramento, e também pelos belos carros guiados pelos cavalos, de sorte que Salomão pagava seiscentos ciclos de prata por um carro e cento e cinquenta ciclos por um cavalo (2 Crônicas 1:17). Tais carros seriam os carros de Faraó. José os havia enviado a mando do rei. A prova era indiscutível.

Da mesma forma, os discípulos do nosso Senhor Jesus Cristo tinham provas infalíveis, na verdade, muitas provas infalíveis (Atos 1:3). O escritor do livro de Atos começa mostrando que esses discípulos tinham a evidência dos seus sentidos.

ELES O VIRAM: Cristo *“depois de ter padecido, se apresentou vivo,... sendo visto por eles por espaço de quarenta dias”* (Atos 1:3). Ele foi visto por Cefas (Pedro), depois pelos doze. Depois Ele foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez (1 Coríntios 15:5-6). Eles tinham a evidência de seus olhos; não de um ou dois que O viram na luz escura da manhã daquele terceiro dia, nem nas sombras daquela mesma noite, mas mais de quinhentos homens O vendo de uma só vez num encontro na Galileia.

ELES O OUVIRAM: *“Falando do que respeita ao Reino de Deus”* (Atos 1:3). Os seguidores de um Messias rejeitado O ouviram depois da Sua ressurreição; ouviram não apenas suas ordens, mas também as respostas às suas perguntas. *“Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?”* (v 6) Prontamente, Ele respondeu: *“Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder”*. Eles não foram enganados. As comunicações do Senhor eram numerosas demais, variadas demais e pessoais demais – tão pessoais que Pedro, Tomé, e Saulo de Tarso nunca negariam ou duvidariam outra vez. No caso de Saulo (veja Atos 9:1-6), mesmo que o título *“Senhor”* pudesse ter escapado dos lábios daquele judeu que odiava o Nazareno, quando ouvisse a voz pela primeira vez, nunca ele teria repetido o título após a voz ter sido identificada como sendo de Jesus. A repetição do título divino pelo antes perseguidor foi um reconhecimento repentino da grandeza da sua culpa e uma declaração da sua fé na ressurreição de Jesus de Nazaré; ao mesmo tempo, declarou sua submissão e fidelidade a Ele a partir daquele dia. Paulo escreveu *“Por derradeiro de todos, foi visto também por mim”*. Ele poderia ter acrescentado *“E também O ouvi”*.

ELES O TOCARAM: eles se encontraram com Ele (Atos 1:4). *“E, estando com eles”* quer dizer estar bem próximo. João registra que Jesus deu pão e peixe aos seus discípulos. Eles receberam o alimento das mãos Dele. Lucas registra que eles Lhe deram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. No lar de Emaús, nosso Senhor partiu o pão e repartiu entre eles; eles receberam o pão das mãos Dele. As mulheres abraçaram os Seus pés (Mateus 28:9). Tomé foi convidado a colocar a mão dele no lado do Senhor (João 20:27). *“Tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.”* (Lucas 24:39) À evidência de ver foi acrescentada a evidência de tocar.

ELES COMERAM COM ELE: *“Vinde, jantai.” “Tendes aqui alguma coisa de comer?”* Essas palavras não eram uma evidência de sua fome física, mas da sua ressurreição física. O ato de comer era alimento para a fé deles. Eles tiveram a evidência do paladar.

A essas quatro evidências dos sentidos, podemos reverentemente acrescentar uma quinta, o sentido do olfato. Deus não permitiu que o Seu santo visse a corrupção. A morte não teve domínio sobre Ele. Não havia nem um traço, nem um vislumbre da corrupção que tão rapidamente abraça nossos entes queridos após a morte. *“Porque, na verdade, tendo Davi, no seu tempo, servido conforme a vontade de Deus, dormiu, e foi posto junto de seus pais, e viu a corrupção. Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu.”* (Atos 13:36-37)

4. Uma confissão completa: *“E disse Israel: Basta; ainda vive meu filho José.”* (Gênesis 45:28) A evidência foi suficiente para um Jacó incrédulo. O crédulo Israel entrou em cena e pronunciou a sua fé. Note a mudança de nomes. O coração de Jacó desmaiou, mas Israel disse que as evidências eram *“abundantes”*, como a palavra é traduzida às vezes. Incredulidade com sua companheira de um coração desanimado passou, e fé e força tomaram conta do patriarca idoso.

Assim também com os discípulos de Jesus e com a multidão que encarou as evidências da ressurreição. Foi suficiente para os propagadores imediatos da fé, a maioria dos quais sacrificou a sua vida em defesa dessa verdade. Enfrentaram os mesmos algozes dos quais eles haviam fugido poucas semanas antes. O mais corajoso dos discípulos havia negado seu Senhor com juramentos

Capítulo 1

e com imprecações: agora ele se levanta e acusa Israel de negar o Santo e Justo.

Foi suficiente para Paulo de Tarso, da tribo de Benjamim, que, como seu progenitor, havia estado rugindo como um lobo e devorando a vítima na manhã da sua vida, mas, no entardecer da sua vida, alegremente, dividiu o despojo da sua vitória (Gênesis 49:27). *“Não sou eu apóstolo?... Não vi eu a Jesus Cristo, Senhor nosso?”* (1 Coríntios 9:1) A vitória suprema de Paulo era conhecer O Santo. Quão grande era o seu desejo que Cristo pudesse ser manifesto naqueles que eram fruto do seu trabalho para o Senhor.

Foi suficiente para a nobre companhia de mártires, que em defesa da sua fé enfrentaram a tortura, a água e o fogo.

Foi suficiente para homens como General Lew Wallace, Lord Lyttleton e Sir Gilbert West, que começaram a escrever seus livros como incrédulos ou com a intenção declarada de combater o Cristianismo, mas terminaram declarando e defendendo a sua fé em Cristo.

Foi suficiente para I.H.Linton, escritor de *A Lawyer and the Bible* (Um advogado e a Bíblia), e para Frank Morrison, escritor de *Who moved the stone?* (Quem moveu a pedra?). O segundo nos diz na introdução do seu livro como, mesmo menino, ele se rebelava em ter que repetir o credo dos apóstolos, quando falava de Cristo sendo crucificado sob as ordens de Pôncio Pilatos, mas ressuscitado dentre os mortos. Ele então resolveu que, se ele conseguisse estudar e tivesse capacidade, ele iria escrever um livro contra a doutrina da ressurreição de Jesus. Ele conta que, quando ele se assentou para fazer isso, reunindo dados e verificando evidências, seu propósito foi mudado, e ele foi compelido a escrever em defesa da fé. Em clareza e poder de convicção, esse livro está entre os melhores da apologia moderna sobre a ressurreição de nosso Senhor.

É suficiente para o escritor, que se regozija em declarar sua convicção pessoal que Aquele que foi entregue pelas ofensas do escritor ressuscitou novamente para a justificação dele naquela gloriosa manhã de Páscoa.

E também é suficiente para todos nós. A evidência está clara. A morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo não se fizeram em qualquer canto. A doutrina da nossa fé está aberta para investigação. Nossa incredulidade não vem da falta de evidência, mas da falta de interesse ou falta de santidade. Deus colocou os

fatos do Cristianismo sobre um fundamento inabalável.

5. Decisão inegável: *“Eu irei e o verei antes que eu morra”* (Gênesis 45:28). O idoso estava pronto para enfrentar a estrada. Temos imaginado a possibilidade de um dos filhos de Jacó duvidar da capacidade do pai de suportar a longa viagem ao Egito, mesmo nos carros, para ouvir a decidida resposta que, se necessário, ele iria a pé. Uma mensagem tão indubitável como essa merecia uma resposta imediata.

Não devemos nós fazer o mesmo? Devemos encontrar o Salvador pela fé antes de morrermos, se queremos “morrer na fé”. Devemos responder, e nossa fé deveria ser tão ativa e determinada como a de Jacó. Lembremo-nos também de que o mundo ainda aguarda para ver o testemunho dos carros em nós, que dizemos que o Salvador do mundo, nosso José, está vivo. “Mostre-nos uma prova”, eles dizem, “uma promessa, um poder daquele outro país de que você fala, onde há pão com fartura, e nós iremos com você. Mostre uma vida separada do mundo e um rosto alegre. Mostre-nos uma oração respondida na sua vida. Mostre-nos o fruto do Espírito, e veremos o poder, os carros celestiais que podem nos levar longe desta cena de fome e dor. Mostre-nos os carros, esses textos bíblicos com promessas, esses carros dirigidos por Deus que tiram as pessoas da dúvida e levam para a fé, levam do medo para a alegria, da pobreza para grande riqueza”.

Jacó não só falou que ia; ele foi. *“E partiu Israel com tudo quanto tinha.”* (Gênesis 46:1) Os nomes dos seus filhos e dos filhos de seus filhos que foram com ele são registrados da mesma forma que são registrados os nomes dos que creem na mensagem do evangelho com respeito a Jesus Cristo, nosso Senhor. José deixou o seu palácio e veio encontrar o grupo em Gósen, caindo sobre o pescoço de seu pai e chorando por um bom tempo. Lágrimas são uma das marcas de José; sete vezes lemos de José chorando no livro de Gênesis.

Então ele segue com eles e os apresenta a Faraó. Ele não se envergonha deles, mesmo eles sendo pastores, como já notamos, e os pastores eram uma abominação aos egípcios. Os irmãos são aceitos no amado José.

Que dia glorioso quando nosso José deixar Seu palácio grandioso para nos encontrar nos ares e nos conduzir ao lar! Que dia de apresentação quando estivermos diante de Deus como os

Capítulo 1

irmãos de Cristo. *“Por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos, dizendo: Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.”* (Hebreus 2:11-12) Tendo o nosso nome no livro da vida, alegremente, aguardamos aquele dia, aquela manhã gloriosa.

*Jesus vive, e eu também viverei.
Morte! Teu aguilhão se foi para sempre!
Aquele que morreu por mim
Vive as garras da morte para romper.
Ele me levantará do pó;
Jesus é minha esperança e confiança.*

*Jesus vive, e a morte agora é
Apenas a porta de entrada para a glória.
Coragem então, minha alma, pois tu
Tens uma coroa de vida diante de ti;
Descobrirás que tuas esperanças eram corretas;
Jesus é a esperança do Cristão.*

2 ue tipo de Homem ressuscita os mortos e além de tudo ressuscita a Si mesmo dentre os mortos? A esperança morreu quando Ele morreu; mas a morte recebeu sua sentença de morte quando Ele ressuscitou.

Na Glória da Sua Ressurreição, o autor apresenta os retratos do Velho Testamento que prefiguram a ressurreição de Cristo. Ele nos transporta em uma viagem de tirar o fôlego e nos apresenta:

As coisas novas do Cristianismo que dependem da ressurreição;

A cura para todos os males da vida por meio do Cristo ressurreto;

Os acontecimentos “depois” que contam o restante da história;

As aberturas divinas – nada fica encoberto para nosso Deus;

O sinal e os sinais que seguiram;

A natureza e benção da vida depois da morte encontrada em nosso Senhor.

Quando tudo parece perdido, quando o céu está escuro, quando uma pedra inabalável está no meio do caminho, quando o mundo zomba enquanto o cristão chora – visite o túmulo no jardim.

Neil McCormick Fraser nasceu e nasceu de novo na Escócia, mas passou a maior parte do seu tempo nos Estados Unidos. Treinado para o mar, ele ouviu o chamado de Deus para servir de tempo integral no ministério da Palavra de Deus. Ele era uma figura familiar nas plataformas de conferências Bíblicas pela América do Norte. O autor também passou um tempo considerável em Granada, Trinidad e Tobago e contribuiu regularmente para revistas cristãs na América do Norte e Europa.

